

A Nova Etapa do Imperialismo

A transição do capitalismo ao socialismo

Lincoln de Abreu Penna

Professor Aposentado da UFRJ.

Resumo

O artigo tem como objetivo atualizar o debate em torno da elaboração teórica original de Lênin sobre o imperialismo, comparando-a com estudos mais recentes que destacam a ampliação do significado de conceitos como democracia e república.

Palavras chave: imperialismo, crise capitalista, neoliberalismo, democracia, república.

Abstract: The aim of the article is bring out to date the discussion about imperialism in Lenin and confront it with recent studies that put in relief the signification of concepts as democracy and republic.

Key words: imperialism, capitalist crises, neoliberalism, democracy, republic.

Resumen

El artículo tiene como objetivo actualizar el debate de la elaboración teórica original de Lenin acerca del imperialismo, haciendo la comparación con los estudios más actuales que destacan la ampliación del significado de los conceptos como democracia y república.

Palabras llaves: imperialismo, crisis capitalista, neoliberalismo, democracia, república.

1. O imperialismo de ontem e de hoje

Quando Lênin sentenciou que o imperialismo é a etapa terminal do capitalismo, o grande líder da Revolução bolchevique não estava meramente lançando uma palavra de ordem, sua afirmação estava baseada na análise concreta de uma etapa do processo de desenvolvimento desigual do capitalismo, cujas contradições acumuladas e ampliadas o levariam ao seu esgotamento funcional e estrutural.

Na época o que caracterizava o imperialismo clássico era a hegemonia de uma burguesia nacional sobre as demais burguesias e, em consequência, sobre os povos. Havia, portanto, um polo irradiador da expansão desordenada típica da ação imperialista. Assim tinha sido com a Inglaterra desde o século dezenove, e assim estava

começando a se intensificar com a presença dos EUA no mundo do entre guerras. Desse modo, toda política agressiva desencadeada pelas grandes potências era vista como uma política imperialista.

Essa etapa do imperialismo surgiu quando da chamada “segunda revolução industrial”, ou seja, no instante em que ocorria a expansão do setor industrial em larga escala a promover uma rápida internacionalização do capital. Os impérios coloniais tradicionais passaram a ser alvos do apetite do grande capital, e em pouco tempo o velho colonialismo passou a ser substituído pelo neocolonialismo a expensas da agressividade da industrialização em busca de mercados e de fontes primárias para atender o ritmo da escalada imperialista.

A competição interimperialista resultou na Grande Guerra de 1914 a 1918, posteriormente designada de Primeira Grande Guerra Mundial dada a sua amplitude espacial e a quantidade de países participantes direta ou indiretamente desse conflito. Com as questões pendentes e o acirramento do conflito interimperialista não demorou muito para o desencadeamento da Segunda Grande Guerra Mundial (1939-1945). Neste momento, o imperialismo era uma evidência tão perceptível que muitos estudiosos da economia e da política à época já o tinham identificado, tanto em suas manifestações quanto em suas características sistêmicas, pois não raro todos o associavam ao capitalismo. Neste rol de teorias explicativas despontara a de Lênin. E ele assim define sucintamente o imperialismo de seu tempo:

“Se fosse necessário dar uma definição o mais breve possível do imperialismo, dever-se-ia dizer que o imperialismo é a fase monopolista do capitalismo. Essa definição compreenderia o principal, pois, por um lado, o capital financeiro é o capital bancário de alguns grandes bancos monopolistas fundido com o capital das associações monopolistas de industriais, e, por outro lado, a partilha do mundo é a transição da política colonial que se estende sem obstáculos às regiões ainda não apropriadas por nenhuma potência capitalista para a política colonial de posse monopolista dos territórios do globo já inteiramente repartido”. (LÊNIN, Wladimir, 1917)

A percepção de Lênin¹ discrepava dos demais analistas do fenômeno imperialista fundamentalmente em dois pontos: primeiro, porque entendia que o imperialismo representava uma etapa superior do desenvolvimento capitalista, não obstante demarcar que esta já prenunciava o seu esgotamento, daí as traduções de sua obra, ora enfatizando esta palavra *superior*, ora a palavra *última* referida à etapa ou estágio de seu funcionamento como modo de produção. Assim, apresentava em sua manifestação uma componente autodestrutiva; e, segundo ponto, que essa etapa sinalizava para o advento de sua própria negação. Caberia à classe operária se encarregar de sua superação. Deste modo, procurava dar continuidade às premissas interpretativas de Marx e Engels irmanados que estavam na concepção de uma revolução social encarregada de banir o capitalismo.

Mas, no seio do movimento operário e sindical, houve muita divisão sobre a atitude a ser tomada diante da Grande Guerra que estava em curso, em virtude de diversas tendências de esses movimentos passarem a priorizar a defesa de suas pátrias, instados pelas classes dominantes a defenderem a soberania territorial das nações envolvidas no conflito. Não entendiam que o confronto de grandes proporções que se iniciava

¹ Lênin escreveu sua teoria sobre o imperialismo no primeiro semestre do ano de 1916, cerca de um ano e meio antes da Revolução bolchevique e em pleno transcurso da Grande Guerra.



Êxodo na Síria

era o resultado do próprio capitalismo em sua etapa imperialista, logo se tratava de uma guerra na qual a classe operária nada tinha a ver. Esta incompreensão por parte de algumas tendências a escolherem o falso nacionalismo desencadearia a ruptura do movimento operário.

Daí, surgir em 1919, por iniciativa dos soviéticos, a Internacional Comunista (IC) ou Terceira Internacional deixando a Segunda Internacional, criada em 1889, como representação da socialdemocracia, agora desfigurada em razão de sua opção nacional em detrimento dos compromissos de classe, o que passaria a distinguir as duas entidades associativas ligadas ao mundo do trabalho. A IC sob a liderança de Lênin se incumbiria da promoção da revolução mundial, a partir do porto seguro da vitoriosa Revolução bolchevique de outubro de 1917. Em 1924, no entanto, Lênin morre e é posteriormente sucedido por Stálin, que passaria a priorizar a consolidação da Revolução bolchevique, de sorte a transformar a IC num instrumento de defesa e de difusão do ideário revolucionário no mundo.

Data dessa época o surgimento do anticomunismo, como política de estado, adotada pelas burguesias dos países capitalistas. No entre guerras, isto é, de 1918 a 1939 ganham força as políticas intervencionistas de maneira a ensejar o advento do fascismo e do nazismo, formas assemelhadas de ditadura da grande burguesia nas sociedades emergentes ou situadas ao largo do centro do imperialismo sob a égide anglo-saxônica representada pelos EUA e Inglaterra. Este núcleo do capitalismo hegemônico iria conhecer uma considerável depressão por ocasião da crise de 1929, o chamado *crack* da bolsa, que arrastou todas as demais economias do universo capitalista, com repercussões nos países periféricos daquela época.

Com o nazifascismo em vigor e agindo de forma agressiva com vistas à obtenção do que Hitler denominou de “espaço vital”, ou seja, a anexação de regiões supostamente de maioria *ariana*, de modo a justificar os fins belicistas da burguesia alemã, que chegara atrasada na corrida pelos territórios sujeitos à cobiça imperialista, as tensões internacionais se acentuaram. A guerra imperialista assumiria uma dimensão

mais ampla do que a Primeira Grande Guerra, a alcançar uma área territorial maior e a afetar de forma definitiva a economia capitalista com a expansão desenfreada da máquina de guerra norte-americana. Surgiu o complexo industrial e militar, que passaria a operar toda a política externa durante o período da Segunda Grande Guerra e também depois do armistício, com a Guerra Fria.

O complexo industrial e militar constituído de forma efetiva desde meados do século vinte, e incrementado crescentemente durante a vigência da Guerra Fria tornou-se não apenas um dispositivo estratégico, mas um poderoso veículo de reprodução capitalista cada vez mais interessado em operações militares em toda parte do mundo. A constante renovação de armamentos mais eficazes e em condições de serem usados com o mínimo de desgaste de material e de homens empregados nas operações de guerra, incentivou a multiplicação dessas operações. As guerras de intervenção tornaram-se grandes investimentos com retorno garantido para esse complexo industrial e militar. E ele foi o fator de formação do grande império do capital.

A guerra do Vietnã marcou um momento de inflexão de notáveis implicações para a política deliberada de guerra. A vitória militar e moral de um povo heroico sinalizaria para os estrategistas das guerras de intervenção, que não basta ter superioridade em armamentos e de tropas se não se conta com o respaldo das populações onde acontecem as operações de guerra. Era preciso, após o fracasso da intervenção no sudeste asiático rever essa estratégia de guerra, sem, obviamente abandoná-la, já que se tornara um bom negócio, além de ser uma forma de exibir a dominação do império que se construía.

2. O neoliberalismo e a transição pós-capitalista

A partir de meados do século vinte, com o término da Segunda Grande Guerra e o surgimento de forma escancarada dos conflitos ideológicos a envolver o sistema capitalista e o sistema socialista, a questão do imperialismo ganhou grandes proporções. A estratégia dos principais estados capitalistas, através de suas lideranças, como as de Ronald Reagan e Margareth Thatcher, respectivamente governantes dos EUA e da Inglaterra, passou a ser a de apostar numa desenfreada corrida armamentista com vistas a obrigar os soviéticos a incrementarem ainda mais parte do orçamento da URSS para atender os crescentes gastos com armamentos militares.

Essa foi uma das principais razões imediatas da crise que levaria à derrocada do *Socialismo Real*, cujas lideranças mais destacadas do sistema socialista mundial não souberam equacionar contribuindo, objetivamente, para darem início ao processo de mudanças sistêmicas e ao progressivo retorno às formas capitalistas de produção. Com essa derrota de impacto internacional a provocar o desfibramento das forças do movimento revolucionário e do ideário socialista em todo o mundo, instaura-se o período do neoliberalismo, etapa que visa dar sobrevida à última etapa do capitalismo, não sem antes produzir uma profunda crise jamais vista em extensão e incapaz de se restabelecer com os métodos até então empregados em situações dessa natureza.

Hoje, o imperialismo não pode deixar de ser influenciado pela prática econômica conhecida por neoliberalismo; ao mesmo tempo em que estende sua presença em diversas sociedades nacionais de economias fragmentadas e complementares, estimula as funções desses estados nacionais a controlarem os movimentos oriundos dos setores

do trabalho. Por isso, nesse estágio globalizado característico do novo imperialismo, há necessidade de manter a fragmentação das economias desiguais. Assim, diferentemente do imperialismo clássico, o imperialismo hoje estabelece uma rede de países vinculados à sua direção. Ou, dizendo de outra maneira,

...O império estadunidense foi o primeiro na história a obter êxito, ainda que relativo, ao impor sua hegemonia por meios econômicos. Em outras palavras, é o primeiro império verdadeiramente capitalista. Obviamente isto não significa que ele tenha sido a primeira potência capitalista a possuir um império. Esta duvidosa honra pertence aos britânicos. (WOOD, 2004, p. 51)

Nesse império no qual a política imperialista se faz ativa num mundo pleno de contradições e conflitos derivados dessas contradições, os EUA através de seu Departamento de Estado respondem, como centro do império, pela metade das despesas em armamentos no mundo. Recursos que solucionariam os mais graves problemas do mundo, numa estúpida inversão de valores para o futuro da humanidade. Além disso, e por conta desses gastos, o governo norte-americano mantém bases e missões de treinamento militar em mais de cem países de forma direta e indiretamente em mais algumas dezenas. Trata-se de algo cujo complexo da mídia sob o seu controle do grande capital não só não revela como, por vezes, até procura justificar. E estas tentativas de justificação se valem frequentemente dos velhos e surrados argumentos anticomunistas, mais recentemente deslocados para o combate ao terrorismo, quando o próprio império logrou transformar o país, os EUA, num estado verdadeiramente terrorista.

Em paralelo, contudo, tem-se assistido à revolução tecnológica e científica com implicações de alcance ainda nebulosa, em razão de sua manipulação por parte de poderes que não consultam o interesse popular, uma vez que se encontra sob a guarda de um império tendencialmente voltado para a destruição. É ao mesmo tempo salutar e estimulante o advento desse fenômeno, mas preocupante enquanto perdurar por mais algum tempo a lógica da destruição do inimigo ideológico. Dessa revolução, que reúne a tríade revolucionária² constituída pela microeletrônica, a microbiologia e a energia nuclear, forças produtivas de nossa época, mas que podem servir para o bem da humanidade ou para os esforços do império, é que reside o grande embate da democracia dos poucos para a democracia das multidões.

No campo estritamente financeiro, o centro desse imperialismo sob a forma de império localizado nos EUA desenvolve e estimula a especulação num sistema inteiramente artificial e profundamente nocivo a todas as nações e povos do mundo. Ao juntar o poderio econômico e tecnológico com o poder militar soma-se a isso o absoluto controle dos mercados financeiros. Atilio Boron denunciou essa malha de interesses decorrentes desse domínio do poderio norte-americano, e em breve passagem exemplifica a poderosa máquina que aniquila o circuito econômico e financeiro implacavelmente imposto aos cidadãos do mundo. Assim se expressa: “Noventa e cinco por cento de todo o capital que circula diariamente no sistema financeiro internacional, equivalente a uma cifra superior ao PIB combinado da Argentina, do Brasil e do México, é capital puramente especulativo”. (BORON, 2005, p. 145).

²Para maiores aprofundamentos, ver Adam Schaff, *A Sociedade Informática*, São Paulo, Brasiliense, 2001.

O neoliberalismo operou uma estratégia de forte impacto nas relações internacionais ao embutir o anticomunismo em seu discurso a favor da primazia do mercado visando, com isso, demonstrar a superioridade deste em relação aos estados. Assim tem decorrido o discurso dos ideólogos neoliberais. De um lado, a apontar que o estado é um estorvo, e que sua redução é necessária, pois ele é improdutivo e absorve uma massa de agentes públicos onerando os custos de sua manutenção. E, de outro lado, associando a forte presença do estado ao gosto de regimes totalitários, tais como os que funcionavam na esfera do sistema socialista mundial, como aparece na visão dos teóricos neoliberais. A partir dessa premissa de desconstrução do papel dos estados, sem, no entanto, dele se desfazer como sede operante da nova etapa do imperialismo, tem sido recorrente a contradição entre o fim das barreiras para o fluxo do capital e a política de restrição ao fluxo de gente, principalmente de contingentes oriundos de povos de etnias submetidas a situações degradantes. Assim, enquanto os seres humanos são vigiados, contidos em suas aspirações de mudanças, não há impedimento que barre a livre circulação de capitais, numa clara demonstração da absoluta primazia do dinheiro e dos demais recursos financeiros sobre a cidadania plena.

Diante desse quadro começaram a aparecer diversas formas de rebeldia em face dessa ditadura do capital. Movimentos alternativos e fora da sede central do neoliberalismo têm se feito presentes em sociedades mais ou menos desenvolvidas do ponto de vista capitalista. Logo, tanto nas grandes metrópoles europeias quanto nas periferias dos demais continentes de passado colonial ou semicolonial, inúmeros cidadãos do mundo clamam por mudanças estruturais, o que põem em cheque o próprio sistema econômico e social em que vivem. Desse modo, o capitalismo tornou-se o grande vilão das massas inconformadas com o modelo de desenvolvimento que tem sido adotado por seus governantes. Wall Street, símbolo da Meca capitalista, foi o espaço privilegiado para uma tomada de posição nitidamente anticapitalista. Começaram aí as primárias do pós-capitalismo.

Antes do surgimento de atos e manifestações explicitamente anticapitalistas as críticas e denúncias eram feitas a governos de direita, mas não se associavam tais governos ao sistema que eles representavam. E os de esquerda eram cobrados pelas suas concessões a capitalistas, sem que se fizesse a mesma associação. Com o fiasco neoliberal, cuja promessa de deixar livremente o mercado regular os processos sociais, de trabalho e tudo o mais, tem emergido uma poderosa consciência anticapitalista. E na sociedade norte-americana, nomes de intelectuais respeitados como Noam Chomsky tem denunciado o caráter belicoso da etapa mais recente de degenerescência do capitalismo. É dele a mais enfática caracterização da política de seu país, quando diz: A mensagem é clara: ninguém tem o direito de autodefesa contra ataques terroristas dos EUA. Este é um país terrorista *por direito*. (CHOMSKY, 2006, p. 206).

É ainda Chomsky quem nos alerta sobre o uso indiscriminado do conceito de *retaliação* usualmente empregado pelos governantes norte-americanos e repetido por governantes aliados. Para o intelectual militante daquele país, esse conceito “é um excelente artifício da guerra ideológica.” (CHOMSKY, 2006, p. 229). Na verdade, e não é demais também lembrar, que o conceito de terrorismo tem sido usado em diferentes momentos históricos de acordo com a conveniência política do momento. O presidente líbio Muammar Gadafi antes de ser execrado pela mídia a serviço dos interesses do grande capital passou a ser denominado de *ditador*. O mesmo aconteceu com Saddam Hussein e outros mais.

3. A transição do capitalismo ao socialismo

Não seria nenhum disparate dizer que o mundo vive presentemente um processo de transição do capitalismo ao socialismo, e a exemplo de Lênin tal afirmativa não deve ser computada como um mero exercício retórico ou de cunho propagandístico por parte de um pensador militante marxista. Afinal, a análise concreta de uma realidade concreta demonstra que há fortes indícios materiais e subjetivos de modo a comprovar essa assertiva. Afinal, quando aconteceu o processo de transição do feudalismo ao capitalismo séculos se passaram, durante os quais houve uma coexistência entre esses dois modos de produção. O mesmo agora está a acontecer. Estamos assistindo desde já a convivência de um capitalismo em franca crise estrutural com a emergência de formas e situações preparatórias para a irrupção definitiva do socialismo no mundo de hoje.

Esse socialismo que começa a se fazer presente é marcado por uma significativa rejeição ao capitalismo, mas trata-se de um movimento ainda bem primário e situado em esferas limitadas no universo social. Ele tende a crescer na medida em que se tenha um grau maior de consciência sobre os seus malefícios, não obstante os muitos benefícios materiais, cuja apropriação, contudo, tende também a ser cada vez mais seletiva. E será ao longo da crescente oposição à continuidade das relações capitalistas que surgirá o socialismo possível, não aquele que vigorou por ocasião das experiências socialistas dos países e estados que integraram a comunidade socialista soviética. Será, por certo, bem diferente daquela primeira experiência, bem sucedida em alguns aspectos e não tanto em muitos outros. E essa construção do *novos* socialismo se dará com o tempo e durante o longo período dessa mais atual transição histórica na direção de uma sociedade igualitária, forma mais avançada da democracia.

O primeiro sintoma dessa transição já está em curso, e ele é assinalado pela superação no âmbito das relações capitalistas de produção do antigo MPC centrado fundamentalmente no setor da indústria, instrumento poderoso de criação de riquezas e de acumulação ampliada do capital, pela hegemonia do capital financeiro, fenômeno responsável pelo aparecimento do neoliberalismo. A acumulação doravante se dá principalmente por meio das operações financeiras dotando o sistema bancário hoje em dia de um poder muito maior do que o que outrora era ostentado pelos capitães de indústria surgidos quando da Revolução Industrial.

O MPC dos tempos da industrialização acelerada está sendo posto de lado pelo capitalismo em sua etapa neoliberal, e uma das primeiras consequências tem sido o progressivo desemprego, o aniquilamento de contratos de trabalho com garantias muitas das quais arrancadas pelo movimento sindical e operário e, além disso, pela capilaridade do capital irradiado em todas as regiões do mundo, levando consigo o ideário capitalista e sua lógica competitiva e destrutiva. Mas seu tempo não tem horizontes que garantam a sobrevida da espoliação do trabalho.

Nesse panorama a quantas anda o velho imperialismo? Ele deu lugar a uma manifestação plural, uma vez que não é mais a representação de uma burguesia local, nacional ou regional detentora de seus modos de funcionamento. Ele, o imperialismo, se encontra disperso na medida em que sua difusão acabou por criar um império do capital com o intuito de direcionar todas as economias nacionais submetendo-as aos seus caprichos e imposições, de modo que a sede não é mais representada por



Desenho de Lênin

um único estado, mas pelo conglomerado de estados a abrigarem a grande banca financeira internacionalizada.

Ora, a tendência à universalidade das relações é algo que tende a favorecer o processo de transição à ordem não capitalista que já tem sido sinalizada e sentenciada mundo afora. O desprezo e a rebeldia em face da engrenagem capitalista não podem, contudo, deixar de perceber que ao sucumbir com o tempo, o capitalismo prepara a integração da humanidade de vez que seu processo de mundialização só reforça a possibilidade para se fundar as bases do internacionalismo fraterno e solidário da humanidade liberta das agruras do capital. Essa primeira estação do longo trajeto dessa mais atual transição histórica não deve sinalizar de imediato para o rápido funcionamento das relações socialistas de produção.

Assim, na esfera da produção começa a existir um formato no qual ganha projeção o caráter integrador dos povos, cada vez mais próximos em razão de seus pleitos serem comuns e complementares. A presença da lógica capitalista em todos os estados e territórios por ela abarcados só tem feito elevar gradualmente a consciência dos povos. E esta elevação ajuda objetivamente a que todos busquem interagirem entre si com uma aspiração comum: a de se livrarem dos malefícios causados pelo capitalismo a avassalar modos de existência, manifestações culturais, e a soberania e independência da comunidade diferenciada, cuja harmonia está exatamente na preservação desses traços caros a cada uma delas.

Assim, o combate à desigualdade reforça a defesa da diferenciação cultural dos povos. É precisamente através da consciência de que irmanados contra a opressão de um sistema que avassala a todos, embora diferenciados em muitos aspectos, que se dará a unidade de ação na busca da grande travessia em direção ao horizonte da

socialização dos sonhos e das realizações conjuntas dos seres humanos. Da rejeição ao capitalismo, passando pela busca de identidades num intervalo de construção de pautas comuns, é que começa a construção da sociedade não capitalista e pós-capitalista, estágios necessários com vistas à instauração do socialismo. E este a antessala imprescindível da democracia mais radical de todas as utopias, o comunismo.

A crise mais recente do capitalismo já ocorreu em plena vigência do neoliberalismo, iniciada em 2008 no sistema bancário norte-americano e relacionada com a política habitacional. A insolvência dos depósitos bancários resultado de valores fictícios e, portanto, sem lastro para a realização das operações acabaria contaminando outras economias capitalistas dependentes. Foi a primeira grande crise no período do imperialismo neoliberal, aquele como já foi dito que está disseminado nas diversas regiões onde se opera o capitalismo sob a forte contestação quanto à sua capacidade de produzir e reproduzir o bem-estar social. Ao contrário, o que se tem constatado é a presença ostensiva de uma sociedade do mal-estar social, à beira de uma esquizofrenia crônica e de um egoísmo próprio dos valores irradiados pelo sistema produtor desses males. Essa agonia depressiva e contrastante com a falsa alegria dos ganhos de míseros capitais na ciranda financeira tem levado o capitalismo a mais extremada situação de esgotamento, pois sem saída para suas crises e sem perspectivas para o futuro.

Essa nova cadeia do imperialismo fica bem demonstrada nas intervenções militares do complexo armamentista, este sim, em grande parte sediada em territórios norte-americanos. A parceria dos EUA, carro-chefe dessas operações, com os países europeus, em particular, tem propiciado a execução de uma estratégia de dominação geopolítica, que inclui o domínio de áreas petrolíferas e o aniquilamento de estados detentores de grandes reservas de petróleo, como aconteceu no Iraque e na Líbia, para citar tão somente aqueles estados mais atingidos por esse conglomerado de interesses servindo-se do aparato bélico da OTAN.

E essa estratégia vai mais longe, porquanto envolve áreas que anteriormente pertenciam ao território soviético, ricas em jazidas do ouro negro. Dessa maneira, o apetite em torno de riquezas minerais do Azerbaijão, Turcomenistão Cazaquistão, juntamente com as do Irã, permanente objeto dessa cobiça, tem feito acirrar as antigas rivalidades regionais e culturais na chamada Eurásia. Esta região tem na Rússia o país guardião dos recursos disputados sob as mais diferentes justificativas, incluindo a recente questão da Criméia, estratégico território russo e que a diplomacia deste país soube conduzir com firmeza para demonstrar a determinação de não deixá-la sob a influência de potências equidistantes à região. Essa questão levou ao acirramento das relações entre russos e ucranianos, que vinham exercendo o domínio relativo do território da Criméia. Relativo porque as forças armadas russas desde muito se encontram estacionadas na Criméia, logo, era um território pertencente à área de jurisdição política e estratégica da Rússia, a despeito de qualquer outra avaliação que se pretenda fazer ou arguir sobre essa situação preexistente na região.

O projeto de padronização da economia mundial é a nova etapa do imperialismo, e esta passa necessariamente pela inclusão de todos os recursos e riquezas fora do império. Este império, termo que tem sido usado com o propósito de caracterizar precisamente o projeto de tornar globais as fontes de produção e reprodução de investimentos, é ao mesmo tempo apátrida, pois não se situa numa única sede territorial ou nacional, como já se salientou, e também gerencial, pois se encarrega de lançar mão

do instrumental da mídia eletrônica e convencional para fazer valer os princípios e valores da ideologia do capital.

Essa difusão da ideologia por meio das redes sociais é igualmente um traço favorável ao socialismo que começa a coexistir com o capitalismo, uma vez que as redes sociais têm sido exercidas pela cidadania e grupos sociais mais ou menos organizados, que também difundem bandeiras e campanhas muitas das quais tendo como alvo a perversa dinâmica do capitalismo. Com isso fica mais evidente o antagonismo do capitalismo com a democracia, da mesma forma que o capitalismo se antagoniza com o republicanismo em seus fundamentos originais e frequentemente recorrentes em face das formas espúrias de acumulação da riqueza.

É a conscientização a respeito da incompatibilidade entre capitalismo e democracia social, que tem feito crescer a oposição ao capitalismo em todas as partes do mundo. Só adjetivando a democracia incorporando o social pode-se diferenciar a democracia liberal suportada pela ditadura do capital com a real democracia, a que para pleonasticamente explicitá-la é preciso designá-la de social. Isto quanto ao que concerne às relações sociais, porque no que se refere aos aspectos institucionais relativos aos regimes, a República não pode comportar a presença do capitalismo, se ela quiser fazer valer a prática de seus fundamentos.

Se na democracia considerada dentro da perspectiva socialista - uma vez que o termo social levado ao extremo implica na configuração de sociedades socialistas, - alcançou progressos consideráveis, mesmo sob o manto da hegemonia do capital; no caso da República tais avanços têm trazido de volta dois pilares do ideário republicano: a austeridade no gasto dos recursos públicos, sobretudo, voltado para o interesse público, e a transparência nos atos e decisões dos poderes republicanos, isto é, a participação do povo na gestão orçamentária e nas aplicações de recursos por parte dos representantes do povo. A crise entre representantes e representados existente em todos os países - hoje em dia praticamente todos capitalistas, - revela com notável clareza a antinomia entre as instituições da democracia capitalista, fundadas no emprego massivo de capitais nos processos eleitorais, e os princípios de representação do povo nas assembleias e poderes legislativos.

A República depositária de uma essência insubstituível, segundo a qual ela é o regime da coisa pública e, portanto, da cidadania plena e absoluta, o que quer dizer que todos têm direito a direitos e a todos devem ser ofertados os bens de vida, isto é, a subsistência, a realização pessoal e a felicidade fraternal; tem sido impedida de se tornar a realidade acalentada por seus interpretes doutrinários e praticantes por conta do capitalismo a reger seu funcionamento. Ou bem o capitalismo a desfigura de vez, ou os repúblicos a tomam para si e se desfazem coletivamente do sistema que a impede de realizar-se. E o socialismo se apresenta como o sistema mais consentâneo, mais adequado e o único representativo de uma parceria com o ideário republicano.

Por isso, torna-se urgente que se faça existir formas orgânicas de participação popular, e que elas funcionem de forma autônoma e independente. Estas podem ser formadas pela iniciativa de movimentos sociais e entidades do povo, sem a interferência de partidos políticos, justamente para que se evitem as possibilidades de monitoramento de tais organismos de massa. A transição pós-capitalista impõe essa iniciativa popular para que se fortaleça a vontade geral, o interesse popular, já que a resistência das classes dominantes a que se consume esse processo de transição à real

democracia se fará sentir com toda a força de seus mecanismos de poder, que elas detêm e que não abrirão mão senão pela força e determinação do povo.

Referências bibliográficas

BORON, Atilio. “*Hegemonia e Imperialismo no Sistema Internacional*” IN Nova Hegemonia Mundial. Alternativas de mudanças e movimentos sociais. BORON, Atilio (org.). Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales: Buenos Aires, 2004; PP. 133-154;

CHOMSKY, Noam. Piratas & Imperadores, antigos & modernos. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil. Tradução Milton Chaves de Almeida, 2006;

LÊNIN, Wladimir. O Imperialismo, fase superior do Capitalismo. Lisboa: Editorial Progresso, Lisboa-Moscovo, 1984.

SCHAFF, Adam. A Sociedade Informática. São Paulo: Brasiliense, 2001.

WOOD, Ellen. “*Imperialismo dos EUA: Hegemonia econômica e poder militar*” IN Revista Crítica Marxista. Número 19, Ano 10. Rio de Janeiro: Revan, 2004, pp. 49-61.

Recebido em novembro de 2014 e aprovado para publicação em janeiro de 2015.